

Entrevista

Cláudio Torres recorda como fugiu à Guerra Colonial, num paralelo com os refugiados que hoje tentam chegar à Europa

Do Porto até Tânger num “barquito”

Eram “putos”. E estavam desesperados. Sem dinheiro para sair “a salto” e certos de que se fossem enviados para o Ultramar seriam mortos, porque esse era o destino dos que militavam contra o regime. O mar era a única saída e o Sul o único ponto cardeal a seguir. Partiram em 1961, do Porto, numa festiva noite de São João, e chegaram a Tânger, Marrocos, em finais de agosto. Dois meses num barquinho a motor, sete pessoas, e o medo, a fome, o desconforto, a exaustão. Sobreviveram, tiveram sorte, recorda hoje o arqueólogo Cláudio Torres, que nunca esqueceu a solidariedade do povo marroquino. “Incomparável”, sublinha, com a forma como a Europa vem tratando os refugiados e imigrantes oriundos de várias regiões do continente africano e Médio Oriente. Um encontro que talvez explique a missão que o Campo Arqueológico de Mértola (CAM), que dirige e fundou, vem paulatinamente desenvolvendo há quase 40 anos. E que nunca, como hoje, assumiu tanta pertinência: reconciliar a “família” mediterrânica, o sul da Europa e o norte de África.

Texto Carla Ferreira Fotos José Ferrolho

Em 1961, numa noite de São João, com o Porto em festa, enceta uma viagem insólita, por mar, de que poderia não ter saído vivo. O que o levou a sair, e porquê daquela maneira?

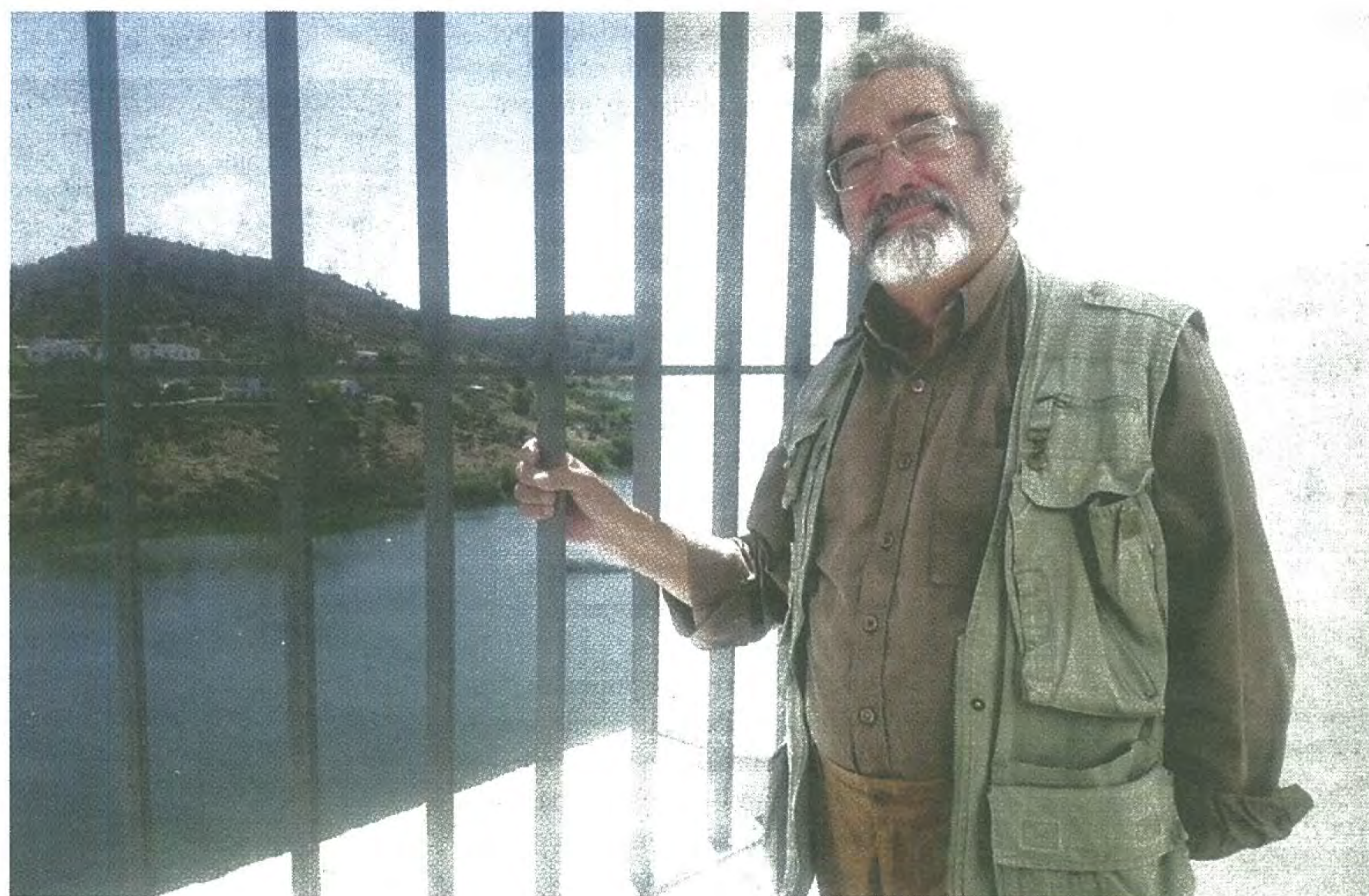
Era a única maneira para nós. Eu e a Manuela [esposa], e o outro grupo, tínhamos estado todos na prisão, eu tinha saído em fevereiro, ela tinha saído um pouco antes. E não tínhamos hipóteses. Porque quem saía da prisão ia diretamente para a frente de guerra [colonial] e habitualmente não voltava. Pelo menos dois colegas nossos lá do Porto tinham ido para a guerra e, claro, mataram-nos. Pelas costas. Tentámos a fuga por terra, mas era muito caro, os passadores levavam imenso dinheiro. Era um grupo de sete pessoas, que também tinham estado presos antes de nós, uma geração anterior, e tinham sido chamados para a tropa também. E vinham duas mulheres, a minha mulher e a Helena, que na altura se tinha casado com o Fernando, tal como eu me casei, para podermos fugir. Um dos nossos companheiros era embarcaçador, conhecia bem ali o Douro, disse-nos que havia um barquito à venda, um velho barquito a remos que tinha sido arranjado, que estava preparado e que poderia servir. Todos nós tínhamos 19, 20 anos, sabíamos lá o que era o mar. Para o Norte não dava, era a Espanha, o franquismo. Tínhamos de ir para o Sul, para Marrocos – era a única maneira.

A sua mulher ia grávida...

Já com três meses, num período chato, com enjoos, etc. Foi uma viagem um bocado complicada por causa disso também.

E completamente inconsciente.

Éramos putos, sabíamos lá agora onde é que era Marrocos. Foi uma saída completamente inconsciente. Viemos até Lisboa e, estupidamente, fomos ter a Cascais, ao clube náutico, e a primeira coisa que dizemos é que tínhamos vindo do Porto, com aquele motorzito fora de borda. Ficámos a saber que íamos ser homenageados no dia seguinte por ter batido o recorde de viagem atlântica com o nosso motorzito. Aquela viagem Porto-Lisboa já era um feito único, nunca aquele



motor tinha feito tantos quilómetros no Atlântico. Mas isso era impossível e, portanto, tivemos que fugir nessa noite. Fomos para Sines. Foi a primeira vez que entrámos no mar a sério, e o mar estava picado à saída de Lisboa. Foi uma aventura, íamos afundando várias vezes. Foi uma viagem horrível, mas chegámos vivos. Por lá ficámos abrigados numa casa, estoirados. Alugámos um sítio na vila mas fomos logo cair à casa

do guarda, uma espécie de chefe do porto, que alugava também quartos. Foi ainda pior. Fomos dizer-lhe de onde vínhamos e que nos dirigíamos para o Algarve, e ele disse “nem pensar, não podem sair daqui, porque este barquito não tem condições”. E não nos deixou sair. E, portanto, mais uma vez tivemos que fugir de noite, mais uma aventura. Nós não queríamos chegar ao Algarve, porque o Algarve tinha umas vedetas novas

da polícia que andavam a controlar. Nós queríamos só apanhar o último porto antes do Algarve para depois, aí, fugir. Sabíamos lá onde é que andávamos...

Havia alguém que soubesse navegar?

Não, ninguém sabia de nada. O Valadas, que já morreu, era embarcaçador mas era ali no rio Douro, nunca tinha saído da barra. Quando

a gente se viu no mar alto, foi complicado. Andávamos ali todos a aprender e cheios de medo. Dali, chegámos à Arrifana, que foi o último porto português. Estivemos por lá quase oito dias, quase escondidos, a tentar saber com os pescadores onde é que ficava Marrocos, se alguém já lá tinha estado... Depois, tivemos umas questões internas, também chatas, porque o outro casal queria ir para o Algarve – o Fernando ainda tinha um ano antes de ir para a tropa e não queria ir já para o mar alto. Mas nós tínhamos que sair: eu e o Valdemar, um outro nosso companheiro, já estávamos ilegais. Lá nos fizemos ao mar alto. E foi a partir daí que começou o desastre. Ninguém sabia nada, tínhamos só uma bússola. Depois, ao fim de dois dias, tudo piorou, não tínhamos já como sobreviver... Fomos apanhados por um cargueiro grego, que nos deu leite condensado e um pouco mais de gasolina.

Já estavam a passar fome?

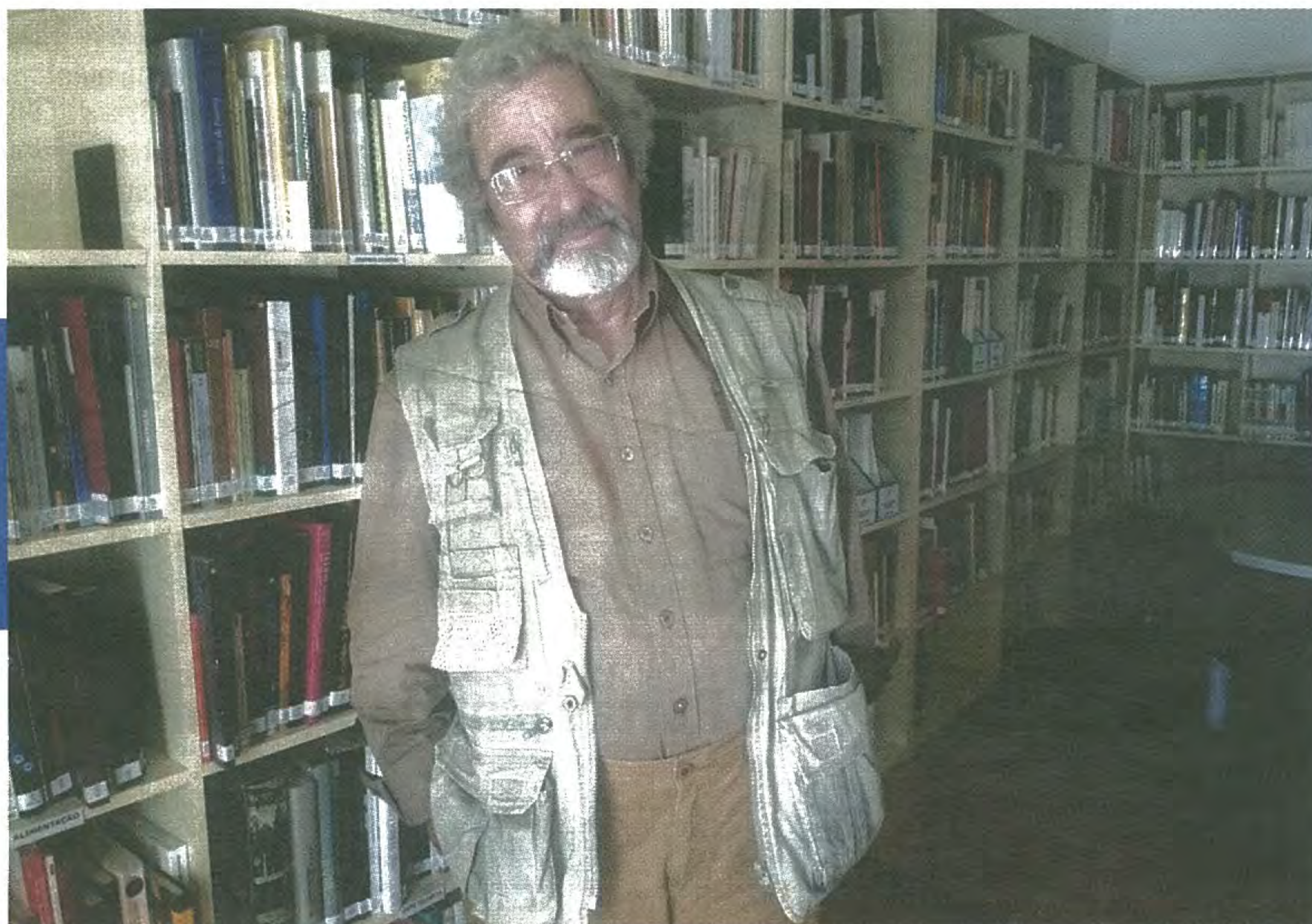
Não, mas já estávamos a chegar ao fim dos mantimentos. O barco grego lá nos indicou a forma como poderíamos, talvez, chegar à costa de Marrocos. Passados mais dois dias, a coisa piorou outra vez, o mar picou também, e, em vez de ir para a costa, fomos obrigados a ir em direção à América, para fugir à vaga... Enfim, foi uma aventura triste.

Quanto tempo demorou?

Tivemos muitas paragens. Aquilo depois complicou-se. Já estávamos a ir ao fundo e fomos apanhados por um petroleiro liberiano, com um comandante americano, que nos levou para Gibraltar e nos entregou à polícia inglesa. Fomos presos e interrogados. Estivemos lá ainda uns dois dias. Depois, dali ainda conseguimos seguir para Marrocos. Chegámos a Tânger lá para agosto, finais de agosto, à volta disso.

Quais foram os momentos mais críticos da travessia, quando pensou que poderia ser o fim?

Andávamos sempre a pensar nisso. O barquito tinha cinco metros, ia cheio de bidões de gasolina, e aquele motorzito fora de borda bebia tudo



num instantinho. Portanto, íamos sentados em cima dos bidões, e a amurada do barquito tinha 30 centímetros até à água. Qualquer vaga de nada e entrava água. Estava sempre a entrar água. Andámos sempre entre a vida e a morte. Naquela situação dramática que agora acontece, em sentido inverso.

Tem recordado mais vezes este episódio, com esta crise de refugiados que está a abalar a Europa?

Nunca deixou de me vir à memória. Nós fomos recebidos depois em Marrocos, muito bem. Ao princípio foi difícil mas depois fomos apoiados, principalmente pela população mais pobre, que nos deu comida, ao contrário dos franceses e de outros europeus locais, que nunca nos ligaram nada. E foi isso também um pouco aquilo que nós nunca mais esquecemos. A minha filha nasceu lá e, em honra disso, pusemos-lhe um nome marroquino, Nádia. Foi uma solidariedade enorme que a gente recebeu daquele povo mais pobre, não só em Tânger, como depois em Rabat. E, depois, o apoio dos estudantes marroquinos. Só que eles, coitados, estavam na altura também a entrar em guerra com o governo. Nós estávamos abrigados na sede da união de estudantes, em Rabat, a polícia invadiu aquilo à bastonada e, claro, nós éramos uma espécie de agentes internacionais que estavam ali a desestabilizar os estudantes marroquinos. Fomos presos, mais peripécias... Foi toda uma aventura complexa.

Sente que foi um desses navegantes à força, mas no sentido contrário, Europa-África?

Nós conhecemos o que é uma vagazita de nada, normal para qualquer barco normal, e que para o nosso barquito era um desastre, era terrível. Tudo isso a gente aprendeu, estudou, sentiu na pele. Depois, em Gibraltar, de onde se vê Tânger em frente, um velhote espanhol avisou-nos “nem pensar, vocês não chegam lá nunca”. E nunca lá teríamos chegado. Explicou-nos que o estreito tem várias correntes contraditórias. São correntes fortíssimas e a navegação tem que ser feita fora do estreito, seja no golfo, mais junto a Portugal, no chamado Mar das Éguas, ou na parte de dentro do Mediterrâneo, no Mar de Alborán. No estreito não se passa.

Consegue entender, com propriedade, o que esses homens e mulheres tiveram que passar até chegar a solo europeu?

É normal. Desde há muitos anos que andamos a organizar mecanismos

“As pessoas eram as mesmas, tanto no rif norte-africano, em Marrocos, como aqui no sul do nosso território. Era o mesmo povoamento, falavam a mesma língua, era a mesma gente. E tudo isso temos vindo a descobrir e a estudar nesta abordagem arqueológica.

de solidariedade. Estamos a investigar há muitos anos, aqui em Mértola, e viemos encontrar aqui, ao contrário do que diz a História, toda uma zona que é a mesma região, cultural e linguística. O mundo berbere é um mundo que ocupava também o sul da Península e de Portugal. As pessoas eram as mesmas, tanto no rif norte-africano, em Marrocos, como aqui no sul do nosso território. Era o mesmo povoamento, falavam a mesma língua, era a mesma gente. E tudo isso temos vindo a descobrir e a estudar nesta abordagem arqueológica. Estamos, agora, a tentar aproximar os dois mundos que a Reconquista Cristã cortou e separou completamente, criando aqui uma barreira que está hoje a piorar, nunca esteve como hoje. Há uma agressividade... São os outros, são os mouros, são os árabes, os muçulmanos, etc. Tudo isto está a criar uma barreira que temos nós, agora, que saber ultrapassar. Neste Centro de Estudos Islâmicos, em Mértola, estamos a receber já mestrandos e doutorandos de universidades de Marrocos, da Argélia e da Tunísia, e começamos a aproximar-nos do ponto de vista científico, humano, de colaboração na investigação... E isso é um pouco o nosso futuro e a resposta a

esse drama, que é um drama antigo. Não fui eu só a ir para lá, foram vários. Só que os outros não chegaram, morreram no caminho. Nós tivemos sorte, outros não a tiveram. Assim como acontece com eles hoje à vinda para cá. Milhares têm vindo a morrer, e continuam a morrer e vão continuar a morrer, claro, porque depende do mar, dos barquitos em que vêm, frágeis, de tanta coisa. E hoje estão todos nas mãos de uma máfia que lhes cobra milhares de euros e os explora. Isto é impossível, isto não pode continuar.

Aprofundar o que nos une em termos históricos e culturais é uma forma de diluir preconceitos e desconfianças?

Como é evidente. É que somos os mesmos, não são os outros. A Europa está a ficar velha e pouco simpática, precisamente como acontece com os velhos. A juventude está toda no norte de África. São milhões de jovens que querem fazer coisas, trabalhar e colaborar. Toda esta Europa que está envelhecida precisa dessa juventude, como mão-de-obra, como cérebros, como fonte de criação de todo o tipo, científica, artística, técnica, etc. Há aqui uma complementaridade fundamental que temos que perceber.

O Campo Arqueológico de Mértola promoveu recentemente um curso livre sobre “Patrimónios do Mediterrâneo”. Que grupo se formou aqui?

Foram 12 pessoas, incluindo alunos de Lisboa, de duas universidades de Marrocos, e também alunos da Tunísia, da Universidade de Manuba. Na Argélia, infelizmente falhou, porque as dificuldades burocráticas estão a aumentar. Temos hoje, com a Tunísia, um bom relacionamento; temos agora duas jovens a fazer doutoramentos aqui connosco. E porquê aqui? É que todo o Magrebe foi colonizado pelos franceses que iam lá fazer a sua história local, a sua arqueologia, apagando completamente os níveis islâmicos. Hoje o que há no Magrebe são grandes museus, sítios e depósitos de arte e de objetos romanos. Não há um único museu de arte islâmica em todo o Magrebe, em Marrocos, na Argélia, na Tunísia – foi tudo apagado pela colonização francesa. E aquela juventude que hoje tem curiosidade em estudar o Islão, o seu

passado, tem de vir aqui, porque nós temos hoje o mais importante museu de arte islâmica do mundo. Foi interessante também o grupo de professores, que juntou três universidades, do Algarve, de Évora, e a Nova de Lisboa, fruto de um acordo de colaboração científica.

Voltando à sua viagem. Que experiência recorda, em termos de solidariedade humana?

Nós estivemos em Marrocos cerca de dois anos. Os primeiros quatro ou cinco meses foram difíceis. Passámos um bocado de fome, havia dificuldades... A minha mulher, a Manuela, estava grávida, tinha muita fome, claro, e tínhamos que ir para o mercado tentar comer qualquer coisa, porque não havia nada, não tínhamos nenhum dinheiro. E quem nos apoiou sempre no mercado foram os mais pobrezninhos. Viam-lhe já a barriga saliente e ofereciam-lhe comida, coisa que nunca aconteceu com qualquer europeu. Depois, começámos a trabalhar, ainda estivemos uns tempos a trabalhar no Ministério do Urbanismo como desenhadores de arquitetura. Arranjámos pequenos empregos que nos iam sustentando e aguentando.

Comparativamente, como avalia a forma como a Europa tem lidado com os milhares de refugiados que se acumulam junto às suas fronteiras, enquanto outros tantos ainda continuam a atravessar o Mediterrâneo?

É tudo ao contrário. Eles não só são mal recebidos agora como sempre foram mal recebidos. Agora há um certo movimento de solidariedade por pressões político-culturais que estão a crescer. Finalmente, há grupos que começam a ajudar, só que é muito recente. Os milhares de pessoas que chegam, mais às costas da Espanha, da Grécia, de Itália, eram e são metidos em campos de concentração e com dificuldades. Isto também é uma questão de quantidade. Hoje são milhares mas não deixa de ser incomparável a qualidade da forma como nos receberam com aquilo que agora está a acontecer com estes exilados. Quando falamos na Alemanha, na Alemanha tão solidária, é preciso ver que está a receber só os que escolhe, sírios e cristãos na sua maioria. Portanto, está a selecionar, porque a Alemanha hoje precisa

de mão-de-obra, está em expansão industrial. Não vemos hoje ainda, em toda a Europa, um único africano preto. Estão todos amontoados nos campos de concentração no sul da Europa – vêm do Sudão, vêm de zonas de guerra, terríveis, do Chade, do sul do Saara, onde as guerras e a violência continuam. Primeiro, têm que atravessar o deserto e depois o mar. Mas essa massa de gente nós não a vemos, nem se fala em tal. Agora estamos todos a olhar só para os sírios – e ainda bem – que são populações de tipo ariano, que podem ser integradas, e que incluem quadros altamente qualificados, para alimentar a máquina industrial da Europa. Não é só massa humana, miserável e esfomeada, como acontece com os africanos. Os próprios Estados Unidos abriram uma frestinha das suas portas para começar a receber também esses técnicos superiores. São apetecíveis.

Há aqui uma solidariedade... Relativa.

Enquanto estudioso das culturas do mundo islâmico e mediterrânico, como lhe parece possível desmontar os receios de quem é contra o acolhimento dessas pessoas?

É sempre difícil, até porque habitualmente o racismo e a recusa vêm do não conhecimento. Nós temos tido, nos últimos dois, três séculos, um corte quase absoluto de conhecimento com o norte de África. Nós começámos a fechar-nos sobre nós próprios, dentro da própria Europa, e a hostilizar quem vem de fora. Desconhecemos completamente civilizações e povos e culturas que nos são vizinhos e afins, e que pertenceram historicamente à nossa mesma cultura, e que nós chutámos, que nós empurrámos para fora. Hoje temos aí as consequências.

O Centro de Estudos Islâmicos, em Mértola, e o seu projeto são uma forma de conhecer e, portanto, de aproximar esses dois mundos?

É uma delas. Nós não somos os únicos, felizmente. Há movimentos hoje em Espanha, e na Grécia, na Itália. Mas são movimentos no Sul, na Europa mediterrânica. Do norte, é mais complicado. Aí, aparentemente, as pessoas são mais bem recebidas, mas por caridade. Vão sendo recebidas, vão sendo acolhidos, dá-se-lhes comida, dormida, mas pouco mais. Nós aqui tentamos que eles se integrem de uma forma completamente diferente e que participem neste movimento, nesta família, que para nós é a mesma, o sul da Europa e o norte de África. O sul do Mediterrâneo e o norte do Mediterrâneo.